

O alto risco de nascer na rede pública

AMÉLIA GONZALEZ e
LETÍCIA HELENA

Marcia Foletto

Ficar horas numa fila à espera de vaga, dividir leito com outra parturiente ou viajar quilômetros dentro de uma ambulância sentindo as dores das contrações. Ser mãe, hoje, é padecer no inferno das maternidades públicas, onde quando não há escassez de material, faltam funcionários. As vezes, as duas carências se acumulam. As poucas unidades que têm condições de prestar um bom atendimento acabam sobrecarregadas. Tudo isso, segundo denúncia de diretores de hospitais e profissionais de saúde, resultado direto da reforma administrativa promovida no governo Collor.

Ruim nas públicas, pior sem elas. As maternidades conveniadas (especialmente as das zonas Norte e Oeste), para onde são removidas as parturientes que não encontram vaga na rede oficial, estão também em péssimo estado. Pelo menos duas delas — a Casa de Saúde Santa Helena (no Bairro Jabour) e a Casa de Saúde Campinho — já foram interditas pelo Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio de Janeiro (Cremérj) e assim mesmo continuam funcionando.

Apesar dos problemas, a Santa Helena, na Zona Oeste — onde para mais de um milhão de habitantes só há 79 leitos de maternidade pública — é a que atende o



Gestantes aguardam no corredor da Clínica Santa Helena, para onde são levadas quando não há vaga na rede pública

maior número de gestantes no Rio: são 1,1 mil partos por mês. Se só realizasse partos normais, faturaria cerca de CR\$ 11 milhões, já que o AIH — uma espécie de nota fiscal emitida pelo Ministério da Saúde pelo serviço que ele não pôde prestar — valia para cada um, em julho, CR\$ 10.736,00. Uma cesariana custava aos cofres públicos CR\$ 17.197,00.

Jacarepaguá é uma das regiões que mais sofre com esta in-

digência. Tem 700 mil habitantes e nenhum leito de maternidade pública. A do Hospital Raphael Paula de Souza, Curicica, foi fechada no governo Collor. As parturientes da região sobrecarregam unidades em outros bairros, como a Alexander Fleming, em Marechal Hermes e a Herculanino Pinheiro, de Madureira.

E conseguir uma vaga numa maternidade pública, nem sempre significa o fim do sofrimento. Muitas têm condições de

atender apenas pacientes comuns, mas acabam prestando serviço a gestantes de alto risco porque não há para onde removê-las. Em várias unidades, por falta de instrumentos adequados, os profissionais têm que improvisar — com um aparelho mecânico chamado Cpap — para ajudar um bebê prematuro a respirar. Na Alexander Fleming, com um berçário de 20 leitos, até 60 crianças ficam internadas. Aprendendo a dividir a miséria desde pequenas.